



GT18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas – Trabalho 573

COMUNIDADES DE PRÁTICAS COMO ESPAÇOS DE FORMAÇÃO INICIAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA ANÁLISE A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DO GENPEX /UNB

Maria Clarisse Vieira - UnB

Resumo

O artigo analisa o trabalho de formação inicial do educador de jovens e adultos desenvolvido pelo Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Popular e Estudos Histórico-culturais da UnB. Com base no conceito de comunidades de práticas, o texto reconstrói a experiência do grupo na universidade e, ao mesmo tempo, dialoga com dados construídos a partir de diários de bordo e relatórios elaborados por estudantes no período de 2013 a 2016, nas disciplinas Projeto 3 e 4, componentes do currículo de Pedagogia vigente desde 2003. Por meio da análise desta produção busca-se refletir as significações atribuídas pelos estudantes ao processo formativo vivenciado em Educação de jovens e adultos, tendo como referência as contribuições da educação popular e da perspectiva Histórico-Cultural com seus representantes da primeira e terceira geração. O estudo aponta que o contato com os sujeitos jovens e adultos e a reflexão na e sobre essa prática educativa forja no estudante de Pedagogia uma sensibilidade/compromisso em relação a essa realidade, por meio da pesquisa-ação, da vivência e do desenvolvimento de uma prática pedagógica pautada na escuta sensível, no diálogo, na amorosidade e no respeito mútuo.

Palavras-chave: Comunidades de prática, formação de educadores, educação popular.

Introdução:

Nos últimos anos, diversos estudos vêm apontando a necessidade de repensar a formação inicial de educadores de jovens e adultos. No I Seminário Nacional de Formação de Educadores de Jovens e Adultos, promovido pelos Fóruns de EJA e pelo MEC, em 2006, algumas soluções, mesmo que parciais, foram levantadas. Dentre elas, se indicava aos licenciandos “a oportunidade de cursar, como eletivas, as disciplinas específicas das habilitações em EJA dos cursos de Pedagogia que a possuem ou a de conceder-lhes a oportunidade de participar de projetos de extensão universitária no campo da EJA. (DI PIERRO, 2006, p. 285).

Ainda que algumas instituições universitárias venham desempenhando um importante papel na formação docente para a EJA, contribuindo com experiências enriquecedoras e despertando a academia para essa temática, grande parte das universidades não tem assumido essa área como parte integrante de suas ações. A ausência de disciplinas e espaços formativos específicos de EJA nos cursos de Pedagogia, bem como o silêncio no tocante ao trabalho específico em EJA, no âmbito das licenciaturas, tem dificultado o despertar e/ou aprofundamento das reflexões sobre as diversas dimensões que constituem essa modalidade educativa. Os aspectos citados acima, aliado a uma produção acadêmica ainda incipiente no que tange à formação inicial em EJA, sinalizam que a educação reservada aos setores mais empobrecidos de nossa sociedade apresenta como traço “o caráter marginal sempre atribuído à educação de jovens e adultos da classe trabalhadora, mesmo quando as políticas e os discursos dominantes aparentemente a valorizavam, como ainda ocorre” (CANÁRIO & RUMMERT, 2009).

Não obstante este cenário, algumas universidades, por meio de atividades ligadas à pesquisa e extensão tem desenvolvido ações que se dirigem à formação em Educação de Jovens e Adultos. Este artigo busca contribuir com esta reflexão por meio da experiência do Curso de Pedagogia da UnB, em especial as atividades do Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Popular e Estudos Histórico-Culturais – GENPEX. Para tanto, o texto fundamenta-se nas contribuições da educação popular, da teoria histórico – cultural de Vygotsky e dos contemporâneos Lave e Wenger (1991, 1998), estudiosos dessa teoria, que a partir dela, desenvolveram a teoria da aprendizagem situada, tendo em vista a dimensão da experiência histórica e cultural humana. A partir do conceito de comunidades de práticas (LAVE & WENGER, 1991), o texto dialoga com dados construídos a partir da análise de diários de bordo e relatórios elaborados pelos estudantes no período de 2013 a 2016, nas disciplinas Projeto 3 e 4, componentes do currículo de Pedagogia vigente desde 2003. Por meio da análise desta produção busca-se refletir as significações atribuídas pelos estudantes ao processo formativo vivenciado em jovens e adultos, bem como o processo de transformação pessoal e profissional decorrente do contato com educandos jovens em adultos.

É importante destacar que embora o GENPEX realize um conjunto de atividades abrangentes, para efeito de análise consideramos nesse artigo somente as ações desenvolvidas no Projeto Paranoá de alfabetização e formação de alfabetizadores

(as) de Jovens e adultos, tendo em vista ser um dos mais antigos projetos de extensão da Faculdade de Educação da UnB.

Origem do GENPEX, principais frentes de trabalho e relação com o currículo da Pedagogia

Até 2002, o currículo do curso de Pedagogia ainda se estruturava em habilitações, tal como prescrevia o parecer 251/62. Apesar da reformulação curricular e criação da Habilitação Magistério para as séries iniciais, em 1988, a Educação de Jovens e Adultos não gozava de importância no Curso. A partir desse período, a Faculdade de Educação da UnB passa a demarcar sua atuação na Alfabetização e Formação de educadores de jovens e adultos, por meio de uma práxis político-pedagógica fundamentada numa ação transformadora, em interação e parceria com movimentos sociais e iniciativas da Educação Popular .

Em meados da década de 1980, um grupo de mestrandos do Programa de Pós-graduação da FE inicia um processo de alfabetização de jovens e adultos, baseado nos princípios da educação libertadora de Paulo Freire, na cidade de Ceilândia (DF). Em decorrência dessa experiência foram produzidas duas dissertações de mestrado e surgem várias iniciativas inspiradas em Paulo Freire, em cidades tanto do Distrito Federal quanto de Goiás. Nesse ínterim, é criado, também, o Núcleo Paulo Freire de Alfabetização de Jovens e Adultos, uma das iniciativas que justificou o primeiro prédio da UnB-Decanato de Extensão, em Ceilândia, em 1987(RESES,VIEIRA E REIS, 2012).

Nesse mesmo período, na Vila Paranoá, em decorrência da luta pela fixação da população naquele espaço, é gestada uma proposta de alfabetização que articulava a contribuição da UnB. Reis (2011) nos informa que houve uma grande organização e mobilização dos moradores do Paranoá para suprir os bens de serviços necessários à sua existência e sobrevivência: água, energia elétrica, transporte, alimentação, educação, entre outros. Esse processo de mobilização emergiu da ação de um grupo de jovens católicos que, no desdobramento de sua ação-reflexão-ação religiosa, se engajaram num movimento comunitário, também denominado Grupo Pró-Melhoria do Paranoá.

Organizado e mobilizado, esse grupo pressionou o Estado, alcançando várias melhorias e, principalmente, o decreto de fixação definitiva do Paranoá. Nesse movimento de construção da história, a alfabetização de jovens e adultos se colocou

como necessária ao fortalecimento da luta coletiva. É quando esses grupos recorreram à Universidade de Brasília e buscaram nessa instituição o apoio necessário aos seus objetivos: ler, escrever e calcular e, simultaneamente, buscar soluções para os problemas do Paranoá e, posteriormente, do Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá - CEDEP (idem, 2011).

Para Lave e Wenger (1991, p. 14), esse modo de organização é denominado de Comunidades de Prática, que “consistem na membresia e dependem dela, incluindo as biografias /trajetórias, relações e práticas que as caracterizam”. Ou seja, a prática requer um modo de falar de recursos históricos e sociais compartilhados, dos sistemas, ou quadros de referências e perspectivas que possam sustentar o compromisso mútuo na ação da Comunidade, em que a continuidade das atividades se define como buscas valiosas e a participação dos membros é reconhecida como competente, pois há uma identidade própria na e da Comunidade de Prática (WENGER, 1998).

Tendo em vista essa iniciativa, o GENPEX é constituído em 2000, como desdobramento do Projeto Paranoá de Alfabetização, com registro no Conselho Nacional de Desenvolvimento Tecnológico e Científico – CNPq. Em 2005, com o início do processo de ocupação da região administrativa do Itapoã, moradores daquela comunidade que, em sua maioria, não sabiam ler e escrever procuraram o CEDEP em busca de auxílio para a alfabetização de seus moradores. Desde então, a denominação do Projeto passou a ser Projeto de Alfabetização e Formação de Alfabetizadores Jovens e Adultos do Paranoá-Itapoã.

O GENPEX orienta-se pela perspectiva histórico-cultural marxista e pela metodologia da pesquisa-ação, ancorada em Barbier (2002) e Thiollent (1985). De acordo com o Thiollent:

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com uma resolução de um problema coletivo, e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (1985, p. 14).

Barbier (2002), por sua vez, traz uma proposta de pesquisa-ação existencial, pautada na ação de um pesquisador coletivo de escuta sensível, com uma dimensão pessoal e comunitária, aberto a complexidade, numa perspectiva processual que visa à mudança. Considerando essa metodologia, o GENPEX atua também em mais uma

frente: a Unidade de Semiliberdade de Taguatinga (acompanhamento de adolescentes e jovens em cumprimento de medidas socioeducativas). Todas essas atividades estão vinculadas organicamente ao Currículo Vigente no Curso de Pedagogia e contribuem para a formação de um pedagogo diferenciada, pois desde o início de sua formação os estudantes são desafiados a contribuir para a melhoria das condições de vida de educandos jovens, adultos e idosos, na perspectiva de Educação Popular.

De acordo com o Projeto Acadêmico (PA) da FE-UnB o egresso do curso será um pedagogo com registro de professor/educador habilitado a trabalhar em espaços escolares e não escolares, admitindo perspectivas diferenciadas de inserção no mercado de trabalho. O currículo da FE é organizado por disciplinas obrigatórias e optativas, projetos, oficinas e seminários interdisciplinares. O curso de Pedagogia da FE-UnB não se organiza em uma grade curricular fechada, mas por meio de uma proposta aberta, apoiada na ideia de fluxo curricular. A base docente e a formação prático-teórica ocorre por meio da inserção de projetos, ou seja, “atividades orientadas, de observação, de regência, de investigação, de extensão, de busca bibliográfica [...] tendo como referencial a vida concreta das organizações onde os fatos e as situações educativas acontecem” (UnB, 2002, p.15). O objetivo de se trabalhar por meio de projetos é a inserção gradativa na vida universitária e na profissão docente, e a possibilidade de vivência prática do fazer pedagógico. É uma busca de integração entre teoria e prática ao longo de todo o curso. Na lógica dos projetos emerge a pesquisa, inserida na articulação prático-teórica substituindo a perspectiva de que os estágios devam ocorrer apenas ao final de curso, mas essa vivência deve ser ao longo de 8 semestres, culminando com o Trabalho de Conclusão de Curso.

De acordo com o Projeto Acadêmico, o currículo do curso de Pedagogia favorece a vivência de duas modalidades de atividade acadêmica: espaços disciplinares cuja ênfase é posta na apropriação de teorias e conceitos e, de outro lado, os espaços curriculares denominados projetos. O Projeto 1 tem por objetivo acolher os estudantes e inseri-los no contexto da Faculdade e da Universidade e, mais especificamente, na profissão de pedagogo. O Projeto 2 busca discutir o campo de atuação da Pedagogia, com base no estudo e investigação epistemológica da Educação. O Projeto 3 busca oferecer vivência prática do fazer pedagógico em diferentes contextos institucionais, articulando, no processo formativo, as atividades de extensão, pesquisa e ensino. O

Projeto 4 visa à imersão do aluno de Pedagogia nas práticas educativas que ocorrem no contexto escolar formal, seja este vinculado a instituições públicas, particulares ou a organizações/movimentos sociais. Também chamado de TCC, o Projeto 5 constitui a culminância desse itinerário acadêmico.

Com base nessa organização curricular, A FE/UnB forma professores no curso de Pedagogia, mediante a oferta de disciplinas teóricas-práticas que compõem o eixo pedagógico. A Educação de Jovens e Adultos é tratada nos espaços relativos aos Projetos 3,4 e 5 e também em disciplina optativa no currículo do curso de Pedagogia. É importante mencionar que, no momento atual, esta proposta curricular encontra-se em processo de reformulação, e terá, como matéria obrigatória a disciplina Educação de Jovens, adultos e idosos trabalhadores (EJAIT).

Os eixos do GENPEX

O referencial prático do GENPEX traz como fundamento a perspectiva histórico-cultural que considera a constituição do sujeito parte intrínseca do desenvolvimento humano. Esta perspectiva, incorpora a compreensão, não apenas dos processos psicologizados da aprendizagem da criança, mas também contempla o sujeito adulto aprendiz em suas diferenças e singularidades, pois segundo Vygotsky a diferença entre aprendizagem da criança e do sujeito adulto “consiste nas diversas relações das aprendizagens com o processo de desenvolvimento” (VYGOTSKY, 2006, p. 116), o qual consiste em vivências e experiências em que o sujeito participa cotidianamente nos contextos sociais que atua. Em outras palavras, essas relações entre aprendizagem e desenvolvimento do adulto consistem em que, o sujeito vivencie o processo de “converter-se em participante pleno de uma prática sociocultural, que compromete os propósitos de aprender de uma pessoa e configura o significado da aprendizagem” (LAVE & WENGER, 1991, p. 1), ou seja, o sujeito aprende e desenvolve-se a partir das suas relações e práticas sociais.

As relações sociais do indivíduo e seu contexto cultural, que viabilizam a tessitura dessas redes, entretanto, não ocorrem de forma direta, mas sim a partir de processos de mediação simbólica, efetuados através de instrumentos e signos constituídos historicamente. Essa forma de pensar o homem no aspecto histórico-cultural, desenvolvida por Vygotsky, é considerada relevante pelo fato de lidar com

sujeitos humanos, e como tal a importância das relações sociais, da história de vida, da fala, da escuta e da cultura em que estão inseridos.

O trabalho pedagógico é composto pelos seguintes eixos: o acolhimento (amorosidade), a discussão de situações-problema-desafios e o usos de textos coletivos. Um dos diferenciais do processo de alfabetização desenvolvido com o CEDEP é o acolhimento, a “amorosidade” com que as alfabetizandos (a) são tratados (FREIRE, 1996). Parte-se do pressuposto que quando se atua com pessoas as quais foi negado o acesso à escola e a própria língua escrita, trabalha-se com pessoas excluídas de várias formas e que não têm como habitual tal acolhimento. Ser acolhido no processo de alfabetização garante o bem estar do educando e conseqüentemente a permanência do mesmo no ambiente escolar. Ao longo de suas trajetórias, os educandos da EJA passaram por diversas situações de constrangimentos e negações onde não tiveram sua voz respeitada, o que faz com que muitos cheguem a escola silenciados. A amorosidade é desenvolvida no ato de falar e escutar o outro. É dar voz ao sujeito e respeitar essa voz. A amorosidade tem o papel de acolher e respeitar esses sujeitos, os quais são seres humanos com bagagem histórica permeada de saberes. Essa relação da amorosidade envolve os dois lados, é preciso saber ouvir, mas também ser ouvido.

A situação-problema-desafio se refere “às necessidades amorosas/afetivas, econômicas, financeiras, sociais e culturais. Essas necessidades caracterizam o cotidiano vivido/enfrentado pelos moradores do Paranoá” (VIEIRA, REIS E SOBRAL, 2015, p. 18). Em meio ao espaço de diálogo entre universidade e comunidade surgem essas situações-problema-desafio, que são constituídas por propostas político-pedagógicas que vão ao encontro das necessidades levantadas pela comunidade. Elas são “escolhidas com discussão, defesa de posição, votação com maioria simples ou absoluta. Tornam-se o eixo dorsal de referência do processo alfabetizador” (idem, p. 20). A partir das discussões surgem os encaminhamentos individuais e coletivos com o propósito de superar essas questões.

O texto coletivo é um processo de transcrição da palavra oral em texto escrito. A construção do texto coletivo contribui com a desinibição e favorece o empoderamento coletivo dos alfabetizandos/alfabetizadores/UnB. De acordo com Menezes:

A construção do texto coletivo inicia-se no momento em que alfabetizandos e alfabetizadores, num diálogo tecido com base na escolha da situação-

problema-desafio se expressam e discutem as dificuldades vivenciadas no dia-a-dia. E a partir desse primeiro falar, inicia-se a construção do texto coletivo utilizando as falas e os sentimentos dos alfabetizados e alfabetizadas. Essas falas são registradas pelo professor e transformadas em “lição”, que é discutida nas diferentes linguagens e áreas de conhecimento: língua portuguesa, matemática, geografia, história, artes. (MENEZES, 2013, p. 12)

O processo ocorre por meio do registro e sistematização do debate e diálogo entre os educandos da EJA, educadores e estudantes da Pedagogia. A partir desses registros oriundos da oralidade são desenvolvidas as atividades da aula, as quais envolvem a língua portuguesa, matemática, história, geografia e outros conteúdos. O intuito é valorizar a voz dos educandos, trabalhar a partir de questões propostas por eles mesmos e que dizem respeito a sua realidade e encaminhar soluções aos problemas vividos na comunidade.

Desafios do movimento de educação popular na rede pública de ensino do Paranoá

Até 2015, as atividades de educação e formação em processo de educadores de jovens e adultos do GENPEX eram realizadas nos espaços comunitários. No entanto, a partir de um processo avaliativo realizado pelo GENPEX e CEDEP constatou-se a necessidade de continuar o acompanhamento de egressos da alfabetização do CEDEP na rede pública de ensino.

A aproximação do espaço da escola pública teve como pano de fundo algumas questões: como constituir na escola pública o ideário da educação popular, com base na experiência acumulada em leituras, vivências e experimentações? É possível superar a concepção cartorial, aligeirada e compensatória da EJA, em favor de uma experiência que se pautar na constituição de sujeitos de amor, poder e saber?

A partir destas indagações, em março de 2015, decorrente de uma articulação interinstitucional entre Movimento Popular, UnB e Escola Pública, foi implantado na Escola Classe 03 do Paranoá, Projeto de inclusão digital para os estudantes do primeiro segmento do Ensino Fundamental da Educação de Jovens e Adultos. O intuito inicial do Projeto é o acompanhamento dos egressos da alfabetização do CEDEP na rede pública de ensino. Para isso, foram iniciadas atividades no laboratório de informática com vistas a integrar as linguagens de Português e matemática, com a linguagem informática e a

proposta da Educação Popular, historicamente construída no CEDEP, que envolve: o acolhimento dos educandos e educadores, o trabalho com a situação problema-desafio vivido pelos educandos da EJA e a construção de textos coletivos, que são eixos do Genpex.

O trabalho desenvolvido no laboratório de informática envolve as quatro turmas do primeiro segmento da EJA e é coordenado por um grupo de estudantes do GENPEX vinculados a universidade de Brasília. A maioria dos educandos da EJA que participa das atividades afirma que nunca teve contato com o computador, ao não ser para limpar a máquina ou comprar o computador para os filhos/netos. Neste aspecto, além do trabalho educativo de alfabetização e integração das linguagens de matemática e Português, o grupo realiza a inclusão digital. Segundo Coelho e Cruz (2008, p.14) deixar de oferecer aos sujeitos da EJA “a possibilidade de adquirir os conhecimentos necessários a este novo código de comunicação da sociedade tecnológica, é negar-lhes o direito à plena cidadania, dada a penetração generalizada das tecnologias digitais na vida contemporânea”. Ou seja, sem o acesso a esse conhecimento, “terão limitadas oportunidades de acessar informações em sites de órgãos governamentais, sindicais, de ONGs, informações das quais dependem muitos de seus interesses como pessoas, como trabalhadores, como cidadãos” (COELHO E CRUZ, 2008, p. 14).

A práxis que estrutura e sedimenta todas as propostas político-pedagógicas desenvolvidas no planejamento no laboratório de informática está fundamentada na situação-problema-desafio, na construção de textos coletivos e na amorosidade/acolhimento. Portanto, a proposta político-pedagógica é construída com base no respeito às histórias de vida e saberes diversos dos educandos.

No item a seguir, analisamos, com base nas contribuições da educação popular e do conceito de comunidades de práticas (LAVE & WENGER, 1991) as significações atribuídas às experiências formativas vivenciadas no contexto da alfabetização de adultos o GENPEX por estudantes de Pedagogia em processo de formação inicial.

Significações das vivências experienciadas no contexto da Educação de Jovens e Adultos

Como já foi mencionado, os Projetos 3, 4 e 5 são componentes curriculares do Curso de Pedagogia com formato diferenciado das disciplinas, pois visam articular

teoria e prática desde o início da formação docente. Para agregar uma proposta formativa que contemple as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Pedagogia (2006) é ofertado um leque variado de Projetos com temáticas que abarcam desde a educação escolar à educação em contextos não escolares.

A Educação de Jovens e Adultos é contemplada nas duas frentes de trabalho atualmente desenvolvidas no GENPEX. Na frente do Projeto Paranoá, existente desde 1986, são desenvolvidas atividades que contemplam a alfabetização e a formação de Educadores de Jovens e Adultos. A partir de 2011, com a implementação do Programa Brasil Alfabetizado no Distrito Federal o CEDEP ampliou suas turmas de alfabetização e aderiu ao Processo de formação de Educadores organizado pela Secretaria de Educação que preconizava o uso do chamado Método Paulo Freire na alfabetização de adultos.

Em 2015, com a mudança de governo no Distrito Federal, o programa é interrompido temporariamente. Em função da interrupção e da necessidade de acompanhar os egressos da educação popular iniciou-se um trabalho de inclusão digital na educação de jovens e adultos, desenvolvido pelo CEDEP e UnB, por meio da articulação de estudantes do curso de Pedagogia e da Informática. Nesse sentido, a parceria desenvolvida pelas Comunidades de Práticas CEDEP e UnB, define-se por um processo expansivo da aprendizagem, uma vez que a prática de ensino no CEDEP não ficou “estacionada” na Alfabetização de Jovens e Adultos, mas também avançou de modo coletivo, ou seja, para uma aprendizagem expansiva na e com a inclusão digital (ENGESTRÖM, 1987).

A prática formativa estimulada pelo GENPEX inclui o acompanhamento pelo estudante de Pedagogia em classes de alfabetização, inclusão digital e a participação no planejamento das aulas, que em geral acontece às sextas-feiras, no movimento popular. A orientação dos estudantes pela equipe de professores da UnB ocorre às quintas-feiras, onde além de se realizar a avaliação do andamento dos trabalhos, são tomadas as encaminhamentos para o trabalho pedagógico realizado na semana posterior. É estimulada a reflexão e ação na e sobre a prática, bem como o registro das vivências em um diário de bordo, que é um dos instrumentos de avaliação da disciplina.

Ao analisar esse material produzido pelos estudantes percebem-se diferentes formas de aproximação com o exercício docente na educação de jovens e adultos.

Uma das estudantes consegue captar na estrutura da proposta o vínculo forte com a educação popular. Para ela,

A proposta desde o início do projeto 4 fases 1e 2 foi a construção de um trabalho pedagógico com os educandos dentro de uma perspectiva de Educação Popular, baseada nos pressupostos metodológicos específicos, onde as ações estão alicerçadas pelas práxis Freiriana. Metodologias, conteúdos e intervenções pedagógicas foram centradas e articuladas com os educandos, sua voz, experiências, anseios, particularidades, relatos cotidianos e silenciamentos serviram de base para construção de uma proposta pedagógica de aprendizagem replicada na prática diária, que resultaram na produção de um saber autônomo e crítico. O que se pretende evidenciar a partir dessa aproximação é o eixo estruturante das diferentes experiências dentro da educação popular, com uma proposta de educação que considere o estudante da Educação de jovens e adultos, um estudante com um percurso anterior a ser analisado e não rotulado.

A fala da estudante traz à tona a intencionalidade da proposta do GENPEX: trabalhar com pessoas excluídas, reconhecendo-as como sujeitos de poder, amor e saber. Partir de uma concepção humanizadora de Pedagogia, tal como preconiza Freire, no qual ao invés de me “sobrepôr aos oprimidos e continuar mantendo-os como quase “coisas”, com eles estabeleço uma relação dialógica permanente (2014, p. 77). Ela também percebe o vínculo do trabalho com a educação popular. Não obstante, a educação popular ter vivido o seu apogeu na década de 60, sua influência ainda hoje se faz presente no Brasil e no mundo, no ideário e na prática de diversas organizações populares.

Para Brandão (2008), a educação popular não é uma escola pedagógica, nem uma proposta datada e de “aprendizagem situada” em um tempo específico. Ela é uma vocação da educação, um instrumento político e cultural de força pedagógica a serviço das classes populares. Em consonância com o pensamento de Brandão, autores, como Lave e Wenger (1991) da teoria da aprendizagem situada, afirmam que a educação e a aprendizagem não podem ser confundidas com a noção de localismo, obrigatoriedade e limitações de um tempo com tarefas determinadas. Pois, compreendem que a educação e aprendizagem, “(...) é parte integral da prática social geradora no mundo em que se vive” (LAVE & WENGER, 1991, p. 04)

Também, segundo Brandão (2008), a proposta de uma educação popular pode ser viabilizada a partir de duas posturas distintas e não antagônicas: por um lado, com ênfase no seu viés político para preparar as classes populares para algum tipo de transformação social, subordinada a uma tomada de poder e à instauração de uma

alternativa socialista à sociedade capitalista e opressora; e de outro, com ênfase no seu viés cultural, como forma de elevar, de uma maneira justa e não supletiva, a qualidade de vida dos excluídos, a começar pela oferta de um tipo de educação que instaure a plenitude da pessoa cidadã. Ou seja, é o “entendimento compreensivo que compromete a pessoa na totalidade, em lugar da ‘recepção’ de um corpo de conhecimento fatural sobre o mundo, e na proposta de que a pessoa, a atividade, e o mundo se constituem mutuamente uns aos outros” (LAVE & WENGER, 1991, p. 4).

Brandão também argumenta que, ao mesmo tempo em que é necessária a ampliação de experiências autônomas de uma educação realizada a partir da iniciativa dos movimentos populares, é também fundamental a redefinição da escola pública de modo a que ela venha a se transformar em uma educação oferecida pelo Estado, mas que incorpora os anseios, interesses e necessidades das classes populares.

Esta mesma aluna afirma que ao ser matriculada em Projeto 4 “o formato das aulas, o contato, convivência, generosidade, amorosidade, cuidado, interação, integração e compartilhamento em um primeiro momento causou estranhamento e uma certa desconfiança de como seriam sistematizadas as atividades de Projeto 4”. Essa compreensão aos poucos foi reconstruída e após dois semestres consecutivos no Projeto ela afirmou que o que “que era uma disciplina, se tornou um aprendizado de vida”. Ela também argumenta que as atividades realizadas durante todo o primeiro semestre agregaram sentido e significação aos 3 anos do curso de pedagogia. Segundo ela:

a base teórica fundamentada em diversos teóricos e teorias vistos no decorrer do curso, foi se materializando nas idas e vindas do Paranoá, nos encontros, trocas de conhecimentos, planejamentos coletivos, escuta dos colegas, agregando a minha formação de pedagoga, valores, aprendizados, conhecimentos que deram uma relevância e qualidade que não esperava incorporar em mais um semestre de curso.

Em direção semelhante outro estudante relata que reencontrou “sentido na educação através de um dos seus segmentos mais frágeis e ricos: a educação de jovens e adultos”. Ele nos conta que, no grupo GENPEX, aprendeu “a dar voz a quem é silenciado, a dar carinho a quem não conhece o sentido da palavra, a acolher e conquistar através do coração as pessoas que desejam mudar suas vidas”. Essas reflexões realizadas a partir das experiências vivenciadas pelos graduandos, no CEDEP/GENPEX, traduzem a relação prática do processo formativo, mas também a

organização sistemática e coletiva da comunidade em ações cotidianas de educação e aprendizagem, conforme foi compreendido por Lave e Wenger (1991).

Um dos diferenciais do processo de alfabetização desenvolvido com o CEDEP é o acolhimento, a “amorosidade” com que as alfabetizandos (a) são tratados (REIS, 2011, FREIRE, 1996). Parte-se do pressuposto que quando se atua com pessoas as quais foi negado algo tão essencial como o acesso à escola e a própria língua escrita, trabalha-se com pessoas excluídas de várias formas e que não têm como habitual tal acolhimento. Ser acolhido no processo de alfabetização garante o bem estar do educando e conseqüentemente a permanência do mesmo no ambiente educativo.

Em direção semelhante, outra estudante de Pedagogia relata que se surpreendeu ao presenciar o dessilenciamento dos educandos. “É bonito demais ver aquelas pessoas sabendo que têm voz”. Ela nos conta que “ficava admirada com questões de política, direitos, história e muito mais. Aquelas pessoas possuem um conhecimento muito rico e somente agora que elas estão se dando conta disso”. Esta estudante reflete sobre os saberes que estes sujeitos constroem ao longo da sua vida, o que traz à baila a necessidade dos alfabetizandos terem voz, vez e decisão. Para isso, é preciso que percebam que não são sujeitos que nada sabem, condição na qual eles mesmos se descrevem quando buscam ou são levados à alfabetização, mas que se vejam como protagonistas de suas próprias histórias (REIS, 2011).

Uma vez que foram silenciados, “a língua, a palavra são quase tudo na vida humana” (BAKHTIN, 2003, p. 324) encontrar pessoas (alfabetizadoras) que estão dispostas a ouvi-los com amorosidade e atenção facilita muito a apreensão da alfabetização num sentido amplo, uma alfabetização transformadora e libertadora. Além de perceber a importância do acolhimento e dessilenciamento, os estudantes de Pedagogia tornam-se sensíveis às condições desumanas presentes na negação do direito à educação.

Percebe-se que participar do trabalho de alfabetização de adultos numa perspectiva de pesquisa-ação os torna mais sensíveis aos processos produtores de desigualdades na sociedade brasileira. Ao mesmo tempo, reconhecem que a alfabetização e a escolarização de jovens e adultos é algo transformador para os sujeitos, pois ao se apropriarem da leitura e da escrita o alfabetizando passa por um processo de

mudança pessoal que afeta vários aspectos de sua vida: “Tudo muda... suas posturas, de cabisbaixas e silenciosas, até mesmo envergonhadas, para pessoas mais felizes e sorridentes” (estudante).

Uma estudante de Pedagogia e moradora da cidade do Paranoá teve a oportunidade de ressignificar sua compreensão acerca dessa cidade, já que segundo ela, morava nesta cidade, mas não pertencia ao local:

Moro no Paranoá há quase dez anos e nunca me havia passado pela cabeça conhecer a história de sua fundação, não tinha idéia de que a cidade do Paranoá era fruto da luta de um grupo de trabalhadores que trabalharam na construção da barragem que deu origem ao Lago Paranoá. Não conhecia sua gente, sua cultura, sua história, suas lutas, não pertencia.

É importante reiterar que em 2015, devido à paralisação das atividades do Brasil Alfabetizado, o CEDEP iniciou trabalho de acompanhamento na Escola Classe 03 do Paranoá, utilizando a informática e a escuta dos estudantes como estratégia de intervenção pedagógica. Com base na partilha e em um trabalho interativo, buscou-se construir o planejamento de metodologias que pudessem dialogar com a realidade percebida e vivida por cada educando.

No início, foram encontradas algumas dificuldades no desenvolvimento das atividades, pois alguns professores não queriam aceitar o trabalho por acreditarem que o conteúdo seria prejudicado; a direção da escola também colocava empecilhos para aceitar o projeto. Não obstante, os estudantes tentaram manter uma perspectiva dialógica e propositiva. Ao avaliar esse processo, uma estudante se manifesta:

Nós da Pedagogia, ficamos responsáveis por essa turma do primeiro horário de segunda-feira, e foi o dia que eu escolhi para estar participando do projeto. Pude acompanhar a turma e ver o crescimento de muitos, mas também a frustração de alguns por não conseguirem achar as letras no teclado, ou clicar com o mouse, e vi e aprendi como é importante nessas horas a figura do professor que motiva e acredita no potencial do aluno. Muitos queriam desistir, mas quando nós insistíamos e eles tentavam mais uma vez e conseguiam realizar o exercício, o que para nós poderia ser pouca coisa, para eles era uma grande vitória. Foi assim todos os dias, cada um a seu tempo avançando.

Percebe-se que a prática pedagógica desenvolvida na Escola Classe 3 do Paranoá foi marcada pela escuta sensível das histórias de vida dos educandos, pelo diálogo e negociação com os gestores e professores acerca da importância do projeto para a aprendizagem e desenvolvimento dos educandos jovens e adultos. Esse processo foi salutar para o reconhecimento e ressignificação de suas concepções e preconceitos em

torno da EJA, processo que ultrapassa o âmbito das salas de aulas da universidade, e que instaurou no educando/futuro professor convicções acerca das suas opções profissionais.

o semestre mudou muito em mim e naqueles que estão ao meu redor porque foi perceptível a minha alegria por estar no projeto e por ele ser na EJA, e também a minha posição com relação a outros assuntos.[...] consegui quebrar muitos preconceitos que tinha com relação ao Paranoá e o seu povo, e isso só aconteceu por meio das nossas conversas, dos relatos das vertentes e pela experiência/prática que tive na Escola 03 do Paranoá.

Desse modo, com base nas falas e análises realizadas, anteriormente, é possível perceber que o percurso dos graduandos na experiência formativa no CEDEP/GENPEX, processualmente os levam a mudanças de concepções, de transformações pessoais, bem como das pretensões profissionais, em função também, da compreensão do processo histórico da comunidade, da constituição de sua identidade, ou seja, das características próprias que definem a prática/ação do CEDEP, assim como, da compreensão das histórias de vida dos sujeitos envolvidos na alfabetização e do movimento coletivo que organiza a educação e a aprendizagem, para que ocorra de modo expansivo e continuado (ENGESTRÖM, 1987; LAVE & WENGER, 1991).

Considerações finais:

Nesse artigo, analisamos a experiência do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação no tocante à formação de educadores de EJA, com base no trabalho desenvolvido nos projetos 3, 4 e 5. Nossa pretensão não foi a de esgotar as informações acerca desse tema, mas constituir uma reflexão inicial acerca das possibilidades formadoras dos diversos espaços disponíveis no âmbito da FE/UnB. Percebe-se no desenvolvimento do trabalho do GENPEX a intencionalidade de construir uma formação inicial em EJA com base nos pressupostos da educação popular. Para tanto, a pesquisa-ação possibilita ao futuro professor a vivência e o desenvolvimento de uma prática pedagógica pautada na escuta sensível, no diálogo, na amorosidade e no respeito mútuo. A análise das falas revela indícios de que o contato com os sujeitos jovens e adultos e a reflexão na e sobre essa experiência forja no estudante de Pedagogia uma sensibilidade/compromisso em relação a essa realidade.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética Da Criação Verbal*. 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Trad. Lucie Didio. Brasília: Liber Livro, 2002.

BRANDÃO, Carlos R. **A educação popular antes e agora. Formação de educadores de jovens e adultos** / organizado por Maria Margarida Machado. — Brasília: Secad/MEC, UNESCO, 2008.

CANÁRIO, Rui; RUMMERT, Sonia Maria. Educação de Jovens e Adultos trabalhadores no Brasil e em Portugal. Escritos preliminares. *In*: SOUZA, Donaldo; MARTINEZ, Silvia. **Educação comparada: rotas de além-mar**. São Paulo: Xamã, 2009. v.1, p. 355-371.

COELHO, Suzana L. B.; Cruz, Regina M. R. **Limites e possibilidades das tecnologias digitais na Educação de Jovens e Adultos**. 31ª Reunião da ANPED. Caxambu, 2008.

DI PIERRO, Maria C. **Contribuições do I Seminário Nacional de Formação de Educadores de Jovens e Adultos**. *In*: SOARES, L. (Org.). *Formação de Educadores de Jovens e Adultos*. Belo Horizonte: Autêntica/MEC/ Unesco, 2006.

ENGSTRÖM, Yrjö. **Learning by expanding**: an activity-theoretical approach to Developmental research. Helsinki: Orienta-Konsultit, 1987. Disponível em <http://lhc.edu/MCA/Paper?Engstrom/expanding/ch1.htm>. Acessado em novembro de 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 52ª ed. Ver e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

LAVE, J. & WENGER, E. **Situated Learning. Legitimate peripheral participation**. New York: Cambridge University Press, 1991 (16th. Printing). Traducción de Miguel Espíndola y Carlos Afonso. Supervisión de la traducción: Giovanna Winckler. www.Moodle.ufba.br/file.php/10203/.../wenger.pdf. (Disponível em 02 de setembro de 2013).

REIS, Renato Hilário dos. **A Constituição do Ser Humano amor, poder, saber na educação de jovens e adultos**. 1ª ed. São Paulo. Autores Associados. 2011.

RÊSES, Erlando da Silva; VIEIRA, Maria C. e REIS, Renato H.. Presença e pegadas de Paulo Freire no Distrito Federal: uma primeira aproximação. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 18, n. 37, p. 529-550, set./dez. 2012.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. SP: Cortez, 1985.

WENGER, Étienne. **Communities of Practice: Learning, Meaning, And Identity**. New York: Cambridge University Press, 1998.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Faculdade de Educação. Projeto Acadêmico do Curso de Pedagogia**. Brasília: Faculdade de Educação, 2002.

MENEZES, J. S. **A construção/constituição do texto coletivo para o processo de dessilenciamento do alfabetizando do Paranoá e Itapoã**. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Pedagogia) - Faculdade de Educação UnB. 2013

VIEIRA, Maria C.; Reis, Renato. H. ; Sobral, Julieta. B. L.(2015) **Educação de jovens e adultos como ato de amor, poder e saber: Os desafios do Genpex**. Brasília (DF): Fundação Universidade de Brasília, Decanato de Ensino de Graduação, 2015.